

Jornalismo e tragicidade: uma análise do caso de *Jonbenét Ramsey* e a manutenção do luto permanente como critério de noticiabilidade¹

Gabriella de CASTRO²

Ana Paula Goulart de ANDRADE³

Pontifícia Universidade Católica – PUC- Rio, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a violência utilizada como critérios de noticiabilidade no campo jornalístico. Para isso, traz como recorte o assassinato mais famoso dos Estados Unidos: a morte de *Jonbenét Ramsey*. O estudo, baseado em revisão bibliográfica e análise de artigos, avalia o uso da narrativa policial midiática pelos veículos de comunicação, destacando o quanto as instituições se aproveitam da tragicidade do caso como valor-notícia, objetivando audiência. O intuito é mostrar que para além da cobertura e investigação do caso, a mídia faz com que o caso se transforme em entretenimento, gerando uma espécie de luto permanente no público. O trabalho está fundamentado nas teorias do jornalismo, com ênfase na teoria construcionista, que compreende o jornalismo como um lugar de referência e produção de conhecimento.

Palavras-chave: jornalismo; critérios de noticiabilidade; tragédia; entretenimento; *Jonbenét Ramsey*.

A narrativa policial

Para entender a narrativa policial é essencial ter em mente que ela faz parte de um subgênero literário. O gênero, apesar de sofrer algumas modificações com o passar do tempo, é dividido em três partes iniciais: épico, lírico e dramático. O gênero épico é aquele baseado na poesia e que colocava assuntos sobre heróis e acontecimentos da nação em evidência, como podemos perceber nos clássicos *Ilíada*, *Odisséia*, *Os Lusíadas*. Esse tipo de narrativa hoje é conhecida como romance.

O romance vem a ser a forma narrativa que, embora sem nenhuma relação genética com a epopéia (como nos demonstram as teses mais avançadas), a ela equivale nos tempos modernos. E, ao contrário da epopéia, como forma representativa do mundo burguês, volta-se para o homem como indivíduo (SOARES, 2000, p.22).

¹Trabalho apresentado no IJ01–Jornalismo da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Graduada do Curso de Jornalismo da Puc-Rio, e-mail:gabrielarodrigues-jp@hotmail.com.

³Orientadora do trabalho (com a supervisão do Prof. Dr. Leonel Aguiar), Doutoranda em Comunicação na Puc-Rio, Professora nos Cursos de Graduação em Jornalismo no Ibmecc e na FPG. Professora de Pós-graduação na Facha: e-mail: goulartdeandrade@gmail.com.

O gênero lírico, assim como o romance, também teve o seu surgimento na antiguidade, entretanto ele faz o uso muitas vezes da flauta ou da lira para poder expressar sentimentos mais pessoais, como uma música sobre o amor ou o lamento da morte de alguém. Além dos instrumentos, esse gênero também se apropriou de alguns recursos linguísticos para manter a musicalidade, como a repetição de fonemas e versos, o refrão e a rima. Por último, o gênero dramático, que é dividido em tragédia e comédia. As obras destes são produzidas para serem representadas nos teatros, mas que nos dias de hoje também podem ser vistas na TV e no cinema.

A narrativa policial surge a partir desse gênero épico, com características de romance, novela e conto. Para entender a qual subgênero essa narrativa pertence é necessário evidenciar a sua temática. Um romance, por exemplo, é uma narrativa em prosa de grande extensão e ele pode ainda ser dividido em categorias como o romance de terror, de suspense, de aventuras, de erotismo e até mesmo o policial, como os de Agatha Christie. A partir de então começaram a surgir jornais de grande tiragem e com assuntos que hoje poderiam ser classificados como “sensacionalistas”.

As grandes cidades movimentadas era um espaço voltado pra esses crimes. Estes eram solucionadas através da polícia e de investigadores. Junto à industrialização dessas cidades também começaram a surgir as grandes imprensas e seus jornais. Esses meios de comunicação criados eram voltados para esse público que ansiava por notícias sinistras e sobre casos difíceis de solucionar. A instituição que hoje conhecemos como “polícia” surgiu durante esse período com o intuito de investigar os crimes.

Assim, esse trabalho traz como análise o caso da morte de *Jonbenét Ramsey*, considerado um dos assassinatos mais famosos dos EUA para discutir o quanto que a violência é utilizada como critério de noticiabilidade, gerando o que se propõe como luto permanente da tragicidade. A metodologia está baseada em revisão bibliográfica e análises de artigos sobre o caso. Também utiliza a Teoria Construcionista para que compreender o jornalismo como lugar de referência e produção de conhecimento.

A tragédia como valor-notícia

A proposta aqui é investigar em que escala o interesse público funciona como critério de noticiabilidade para determinar o que a mídia determina como notícia. Mas não basta escolher entre um acontecimento que será publicado e outro que será

descartado. Entre todas as matérias selecionadas o jornalista vai precisar decidir novamente quais merecem estar nas chamadas ou qual ficará na primeira página do jornal, além do tamanho que cada matéria vai utilizar em cada página. A questão não é apenas escolher entre um assunto e outro, mas aprender a hierarquizá-los de acordo com a importância de cada um.

A morte é um critério importante, já que as pessoas não refletem sobre a sua finitude, por conta disso esse fator é de interesse público. “Onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2005, p.79). Caso a pessoa em questão tenha grande influência social econômica, seja um chefe de estado ou dono de uma grande empresa, nessa situação, é interesse público, porque a decisão dessas pessoas afetaria grande parte da população. “É fácil visualizar este valor-notícia ao ver a cobertura de um congresso partidário e a forma como os membros da tribo jornalística andam atrás das celebridades políticas” (TRAQUINA, 2005, p.79).

Com a popularização do acesso à informação fica cada vez mais difícil recortar e satisfazer as necessidades desse todo. Dentro da lógica construcionista, a relevância de um acontecimento é o que faz daquele evento uma notícia. O critério relevância é essencial descartarmos o que é importante e o que é indiferente.

Este valor-notícia responde à preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas. Este valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação (TRAQUINA, 2005, p.80).

Traquina também vai usar o tempo como um valor-notícia primordial, ou seja, segundo ele, existem três possibilidades em que esse fator se enquadra. A primeira é quando o acontecimento é recente e ele é abordado por causa da sua atualidade. Já o segundo ocorre com fatos passados e que, devido à sua relevância, são lembrados até os dias de hoje, um exemplo disso são as efemérides. Por último, ele destaca a duração da notícia por conta da repercussão do caso, que faz com que os limites da sua noticiabilidade sejam estendidos. A novidade também é um elemento fundamental para a narrativa jornalística. Traquina acrescenta que o jornalista tende a ser mais atraído “pela primeira e pela última vez”, então tanto o tempo quanto a novidade passam a ser analisados de forma unificada. O conflito também é um valor-notícia importante. De acordo com Traquina, a presença da violência tanto física quanto simbólica representa

uma ruptura social. Além disso, a infração também faz parte desse conjunto de notícias ligadas à violência. “A presença da violência física fornece mais noticiabilidade e ilustra de novo como os critérios [...] muitas vezes exemplificam a quebra do normal.” (TRAQUINA, 2005, p.84).

A mídia e a construção social da realidade

Os meios de comunicação de massa vêm se consolidando em lugares de memória. É preciso entender que em um mundo cada vez mais moderno, o excesso de informação acaba podendo levar ao esquecimento. Em contrapartida, com as novas tecnologias surgem diversas formas e espaços com o intuito de difundir discursos que visam manter essa memória individual e coletiva. A mídia, tanto nas fontes principais como nas fontes alternativas, desempenha um papel importante na maneira como os membros da sociedade serão informados de um acontecimento, seja ele um fato que afete direta ou indiretamente esse público. Para muitas pessoas, a mídia informa sobre eventos que afetam suas vidas. Ela se tornou a principal fonte de notícias, entretenimento e informações no mundo. “Os meios de comunicação são, em primeiro lugar, um negócio. Na atual crise financeira global, a mídia de notícias é um negócio com dificuldade” (LANDAU, 2006, p.24).

Além disso, existem diferentes tipos de mídia e cobertura, entre elas: a mídia nacional, que geralmente não cobre histórias de crimes individuais, a menos que haja um aspecto único ou sensacional, como um caso de homicídio que envolve um assassino em série, um grande número de vítimas, alegações de negligência policial. Dessa maneira, os acontecimentos podem ser classificados em dois aspectos clássicos: *hard news e soft news*⁴. A mídia voltada para as *hard news* cobre os eventos enquanto eles estão acontecendo ou pouco tempo depois de terem ocorrido. A *hard news* é sensível ao tempo e é passada para a sociedade de uma forma que deixa explícito a necessidade do público em saber de um fato enquanto ele ainda é mais atual, porque no dia seguinte essa notícia pode deixar de ser uma novidade. Em contrapartida a esse tipo de mídia, as *soft news* já incluem acontecimentos de interesse do público e que não são sensíveis ao tempo. Elas podem ser, por exemplo, contadas a partir de características ou um olhar mais profundo sobre a relação da vítima com a família.

⁴ Além de TUCHMAN (1978) outros autores também trabalham os conceitos de *hard news e soft news (fait divers)*, entre eles: MOTTA (1997); SILVA (2014).

Os crimes que a mídia opta por cobrir e a forma como eles os transmitem podem influenciar a percepção do público sobre esses casos, incluindo a crença sobre a quantidade de crimes que ocorrem em bairros e cidades. Os editores tomam decisões complexas sobre quais histórias irão cobrir ou deixar de lado e qual será o título da matéria. De acordo com Traquina (2005) a teoria do *gatekeeper* aponta que os jornalistas e repórteres decidem quais informações sobre o caso eles incluirão ou deixarão de fora, os especialistas que podem dar opinião, a relação dessa opinião com os fatos que ocorreram. Em uma perspectiva colaborativa, outros gerentes de mídia decidem qual a prioridade que a peça terá dentro do jornal ou transmissão de notícias.

Com o intuito de classificar as notícias com base na comoção pública e no entretenimento, a pesquisadora Gaye Tuchman (1978) vai apresentar os conceitos de *soft news e hard news*. As primeiras tratam de temas que não são tão relevantes socialmente, como cultura e esporte, por exemplo, mas que possuem um maior apelo humano. Por conta disso, a liberdade narrativa é maior. Já as *hard news* são apresentadas de forma mais objetiva e informativa. Por conta do fator comercial, muitos jornais dão preferência às *soft news*, porque por serem mais leves elas remetem a um jornalismo mais voltado para o entretenimento e para a diversão, uma área que está em crescimento dentro da mídia de massa. Humanes (2006) destaca esse maior interesse do público por questões de menos relevância como “Jornalismo Rosa”, devido a constante publicação de histórias que interessam ao próprio veículo de comunicação, ampliando importância delas de forma artificial. Portanto, as *soft news* acabam por ocupar um maior espaço dentro dos noticiários, existindo uma concorrência entre as reportagens que incitam a discussão no espaço público e as que acabam sendo unicamente voltadas para satisfazer as curiosidades e preferências do leitor por assuntos mais irrelevantes.

A mídia tende a dar mais destaque ao sensacional, ao extremo e à noticiais que tem o potencial de impactar o maior número de pessoas, porque além de ser um lugar de referência e de produção de conhecimento, a mídia também é um negócio e como tal, visa lucro (AGUIAR, 2008). Para os casos relacionados ao crime, a mídia vai dar ênfase em eventos que ocorrem várias vezes, por exemplo, uma série de ataques ou inovações centradas em uma pequena área geográfica, ou aqueles que são improváveis de ocorrer. A razão pela qual eles são tão notáveis é porque eles nos chocam, são únicos e, por isso, podem dominar manchetes por dias e semanas. O critério de noticiabilidade *proximidade* também chama a atenção de inúmeros pesquisadores como Lage (2001),

Fontcuberta (1993) e Alsina (2009). Os prestadores de serviços também devem lembrar que uma das finalidades da mídia é fornecer ao público a informação que eles querem sobre a comunidade dele. Nesse sentido, o critério de noticiabilidade estaria baseado na proximidade. Desse modo, “o leitor prefere tomar conhecimento de um fato pequeno, mas próximo, do que outro mais importante, porém ocorrido a quilômetros de distância” (Noberto *apud* FERNANDES, p.145, 2014).

A teoria construcionista na narrativa policial

Como base teórica-metodológica a perspectiva construcionista justifica, que foi adaptada ao jornalismo nos anos 70, quando a notícia deixa de ser um simples relato, e passa a ser considerada uma construção, já que ela pode ter diferentes perspectivas e versões de um mesmo acontecimento. "A conceitualização das notícias como estórias dá relevo à importância de compreender a dimensão cultural das notícias" (TRAQUINA, 2005, p.70). A partir dos anos 60 e 70, que foram marcados por inovações metodológicas, surgem duas teorias que partilham o novo paradigma das notícias como construção social: as Teorias Interacionista e Estruturalista. A ideia é que os elementos do campo jornalístico, do trabalho jornalístico, da rede noticiosa, da relação jornalismo-poder, da comunidade jornalista, se organizam e favorecem as fontes oficiais, que possuem uma credibilidade maior, além da velocidade que a rotina do jornalista precisa ter. Assim, devido ao favorecimento das estratégias comunicacionais das fontes oficiais, como o governo e as grandes empresas, o jornalismo visa manter um tom único das notícias, independente do veículo em que ela está sendo transmitida, além de tentar contrair um consenso social em torno das noticiais. Com isso, o Jornalismo acaba contribuindo com a manutenção da estrutura política, econômica e social. A Teoria Interacionista também entende a importância das fontes oficiais em detrimento das demais fontes de informação. Porém, ao contrário da Teoria Estruturalista, trata-se de um processo dinâmico, uma eterna busca por vantagens pelo acesso ao campo jornalístico. Dessa forma, as fontes oficiais ganham a disputa e colocam em vigor as suas estratégias de comunicação, ou seja, tudo gira em torno da conquista e não de um fato consumado.

Os jornalistas da área criminal têm como principal fonte a polícia. Por conta disso, as reportagens são uma espécie de “realidade crua” ou até mesmo um reality show. Segundo o teórico Mauro Wolf (2003), o *newsmaking* pode se articular de duas formas,

uma referente à cultura profissional dos jornalistas e outra à organização do trabalho e dos processos de produção baseados nos critérios valores/notícia.

Para Erbolato (1991), o cuidado em manter as fontes é essencial, já que é fundamental que o profissional dessa área sempre saiba de tudo o que acontece ao redor, principalmente quando se trata de uma editoria policial: “Por meio das fontes é que teremos furos jornalísticos” (ERBOLATO, 1991, p. 183).

O jornalismo faz bastante uso da questão policial devido ao rendimento que esse tipo de matéria oferece, porque geralmente são notícias que englobam suítes, ou seja, textos que fazem um desdobramento de uma matéria principal, já publicada. O uso de suítes geralmente ocorre, quando se trata de um caso de grande relevância, ou seja, que já tenha tido um acompanhamento nos dias anteriores, como por exemplo, um sequestro que ainda não foi solucionado, a imprensa vai cobrir o caso desde a liberação do refém até que a conclusão do inquérito. Além disso, matérias sobre crimes vendem mais, a tragédia é rentável.

Luto permanente: o caso da morte da miss mirim *Jonbenét Ramsey*

A morte da pequena *Jonbenét Ramsey* e a tentativa da mídia em fomentar e tentar manter o caso vivo de alguma forma, mesmo que nada de novo tenha acontecido ou que alguma pista tenha sido revelada. O pressuposto aqui trabalhado é de que a mídia alimenta o caso muito mais por uma estratégia mercadológica de audiência do que asolução e morte de uma criança. Essa fascinação por esse assassinato indica esse amor insaciável do país por histórias que envolvem esse sensacionalismo. Voltar para esses crimes antigos tem sido uma das bases da mídia americana, que pode oferecer até mesmo uma nova compreensão ou desfecho.

Jonbenét Ramsey, uma miss mirim de seis anos, foi assassinada em sua casa, em *Boulder*, no Colorado. O caso aconteceu na noite de natal de 1996 e repercute até os dias de hoje. A mãe *Patsy Ramsey* alegou aos investigadores que no dia em que a sua filha foi descoberta morta, ela havia levantado pela manhã e encontrou um bilhete com um pedido de resgate na escada que levava ao segundo andar da casa. Apesar da noite tranquila que ela e seu marido tiveram, sem qualquer interrupção, os termos usados no bilhete eram terríveis, além de conter uma especialidade chocante: ele exigia 188 mil dólares em troca da vida de *Jonbenét*, o mesmo valor que *John Ramsey*, pai da vítima, havia recebido como presidente e diretor-executivo da *Acess Graphics*. *Patsy*, então,

ligou para a polícia, que passou a manhã inteira vasculhando a casa dos *Ramsey*, mas nada foi encontrado. Com a certeza de que a cena não forneceria mais evidências, os policiais pediram para John que desse uma última olhada na casa, para que ele tentasse encontrar algo que poderia estar fora do lugar. Com a ajuda de seu amigo *Fleet White*, *John* foi até uma salinha úmida e sem janelas que ficava ao lado do porão e lá estava o cadáver de sua filha, enrolado em uma manta e com as mãos amarradas, era *Jonbenét Ramsey*. Ela havia sofrido traumatismo craniano e estrangulamento, além de ter uma fita adesiva em sua boca. Após retirar a fita adesiva da boca de sua filha, *John* carregou o corpo escada acima e o deixou junto à árvore de Natal da família.⁵

Assim que saíram as primeiras notícias sobre o assassinado, as enxurradas de críticas e teorias vieram à tona, principalmente em relação ao bilhete encontrado: "*Patsy Ramsey* acordou para encontrar o bilhete, ou escreveu um, ou sentou-se ao lado do marido enquanto ele escrevia um, ou acordou para encontrar um pedido de resgate escrito por seu marido ou talvez por seu filho de nove anos, *Burke*?", outra teoria era de que toda essa atenção dada à *Jonbenét Ramsey* poderia ter deixado *Burke*, o filho mais velho do casal, de lado.

Para piorar a situação, o trabalho dos peritos não contribuiu para que a investigação encaminhasse, já que eles não conseguiram afirmar se a caligrafia do bilhete batia com a de *Patsy*, ou se *Jonbenét* havia sido estuprada no passado ou apenas na noite do assassinato.

Quando uma criança é assassinada dentro de sua casa, é quase sempre um parente ou um associado próximo que cometeu o crime. O número que lemos é de 92%. Sim, é verdade. E também é verdade que, em praticamente 100% dos casos, há uma longa história de abuso infantil antes de o crime ser cometido. Normalmente, quando uma criança é espancada até a morte pelos pais, houve acusações anteriores de abuso infantil contra os pais, antes do evento fatal. Às vezes, não há nenhum registro criminal antes do assassinato - mas, em essencialmente, todos esses casos, o abuso infantil anterior pode ser documentado posteriormente.⁶

Eles sequer descobriram se o assassino era um intruso ou morador da casa. Por fim, todas as teorias sobre o assassinato precisaram se basear em pura especulação. A

⁵ Disponível em: https://www.buzzfeed.com/sarahmarshall/why-america-will-never-stop-trying-to-solve-jonbenet-ramseys?utm_term=.itGWjd60o#.ipRq3bW2k, acesso em: 03/05/2017.

⁶ *Popular Crime: Reflections on the Celebration of Violence*, Bill James, 2011.

Enciclopédia do Caso *Jonbenét Ramsey* oferece um banco de dados para que as pessoas possam abordar os seus palpites sobre o caso, inclusive, possui uma página inteira apenas de teorias sobre o motivo de *Patsy Ramsey* ter matado a sua filha, há a "Teoria da Fúria pelo Xixi na Cama", "Círculo de Pornografia Infantil" e até mesmo "Sacrifício Ritual"⁷. Ficou evidente essa necessidade das pessoas em criar listas e suposições, muitas delas bizarras, que levariam a mãe a matar a filha de forma tão brutal, afinal, essa história é melhor do que história nenhuma, afinal, havia expectativa para o enredo desse conto.

Patsy muitas vezes parecia determinada a fazer de sua filha uma miss tão premiada em concursos de beleza quanto ela própria havia sido no passado. Ela foi coroada Miss Virgínia Ocidental em 1977 e competiu como Miss EUA, então possivelmente a participação de *Jonbenét* nesses concursos foi uma forma que ela encontrou para retornar à esse mundo do qual ela já fez parte há muito tempo. Então, muitas pessoas começaram a questionar se a vítima frequentava esses eventos por vontade própria ou por pressão da mãe, já que *Jonbenét* costumava abrir mão de seus prêmios para participantes que terminavam a competição sem uma boa classificação.

Com a morte da famosa *miss* mirim, os organizadores de concursos de beleza começaram a vender vídeos das apresentações da ex-candidata. Em um dos vídeos, ela aparecia fantasiada e apresentando uma coreografia de forma provocativa, que era inadequada para uma garotinha. Esse episódio aumentou ainda mais o sensacionalismo em torno do assassinato da “queridinha” dos EUA. Foi nesse mesmo período que os tablóides começaram a levantar suposições sobre *Jonbenét* ter sido assassinada somente na noite do crime ou se ela vinha passando por isso por meses ou até anos. Em uma das edições de 1997 da revista *National Enquirer*, o veículo prometeu vir à tona com "A História Secreta" de "Como a Garotinha do Papai Realmente Morreu"⁸, abaixo da manchete tinha uma foto da jovem olhando fixamente para um vulto, com se estivesse assustada. Além de outras matérias sobre o caso, como "Estamos descobrindo mais um cordeirinho inocente que foi abatido", seguido de um clipe exclusivo em que *Jonbenét* aparece no concurso *Little Miss Charlevoix Country*. A mídia muitas vezes tentava focar em culpar a *Patsy* por colocar a filha em um mundo perigoso, como foi o

⁷ Disponível em: https://www.buzzfeed.com/sarahmarshall/por-que-a-amnrica-nunca-ira-parar-de-tentar-soluci-2lon4?utm_term=.nt7d8wYqz#.hr6JEzV0q, acesso em 07/10/2017

⁸ Disponível em: https://www.buzzfeed.com/sarahmarshall/por-que-a-amnrica-nunca-ira-parar-de-tentar-soluci-2lon4?utm_term=.gyw3AK4vE#.wuapZ8AEe, acesso em 07/10/2017

caso de uma matéria de capa da *Newsweek*, "O estranho mundo de *Jonbenét*", que questionava esse envolvimento da criança com os concursos de beleza. Muitas pessoas achavam que a ideia de seu assassinado estava relacionada à sua visível feminilidade, uma menina que se vestia e se comportava como mulher.

Desde que o assassinato de sua filha foi ao ar, *John e Patsy Ramsey* apresentaram comportamento estranho aos olhos da mídia, o que fazia com que ela os tornassem ainda mais suspeitos. Antes mesmo de a polícia tomar controle do caso, o casal optou por recorrer a seus advogados para buscar conselhos sobre seus direitos e o que deveriam fazer para que não dessem nenhuma declaração ou divulgassem evidência para a polícia que pudesse ser usada contra eles em um julgamento. Porém, muitas pessoas ignoram o fato de que contratar o advogado no início de uma investigação que aponta você como suspeito é basicamente a única coisa sensata a ser feita.

Apesar da polícia de *Boulder* ter dedicado todos os seus recursos e feito o uso de novas tecnologias para solucionar o caso, ainda assim parecia que cada resposta levava cada vez mais para um emaranhado de incertezas. "Um perito disse que o corpo de *Jonbenét* indicava abuso sexual prévio; outro disse o contrário. Havia vidro quebrado em uma das janelas do porão na noite do assassinato, mas não havia pegadas frescas na neve. "SBTC", a sigla usada no fim do pedido de resgate poderia significar "*SubicBay*", a base naval onde *John* havia servido, ou poderia significar "*SavedBy The Cross*" ("salva pela cruz"), uma referência à suposta crença de *Patsy Ramsey* de que a fé havia curado seu câncer de ovário, ou poderia significar outras mil coisas". Não tinham evidências suficientes para indicar a presença de um intruso, mas também não havia motivo suficiente que explicasse porque alguém de dentro de casa poderia ter cometido o assassinato.

A polícia chegou a pedir a ajuda do FBI, mas não adiantou muita coisa. Todos os suspeitos de fora da casa tinham o álibi incontestável. Então não havia muito a ser feito além de duvidar dos pais. A investigação continuava a medida que a indignação do público crescia. Os tablóides incitam até hoje os leitores a entrarem nesse "luto permanente", ano após ano, as manchetes como "Descoberta Sinistra", "Uma História Secreta", "O Assassinato de Uma Bela Menininha", todas elas nos fazem acreditar que vivemos nesse eterno "novo ataque" aos EUA.

Os telespectadores ainda esperavam por uma reviravolta do caso. Reviver crimes como esse tem sido uma das principais bases da mídia americana, que tenta oferecer ao

público uma nova compreensão ou mesmo um desfecho. Porém, até quando foi ao ar nos noticiários, o assassinato de *Jonbenét* nunca foi apresentado para a "plateia" de uma forma única e coerente. As pistas as quais as pessoas se agarravam, vinham de boatos e tablóides. O que era trazido como fato em um dia virava mentira no dia seguinte. Então os suspeitos do caso acabaram sofrendo mais pressão devido à atenção do público do que com a própria polícia.

Mesmo após 20 anos, o público ainda tenta entender quem e o que levou à morte de *Jonbenét Ramsey* e a mídia procura desesperadamente saciar esse desejo dos seus telespectadores através de matérias ofensivas, principalmente na época em que o caso faz aniversário.

Inclusive, todo esse anseio do público com a morte misteriosa de *Jonbenét* fez com que a Netflix apostasse no documentário “*Quem é Jonbenét ?⁹*”, dirigido por *Kitty Green*. Esse filme também tem um aspecto importante mencionado por Traquina (2005), que é a relação de proximidade entre o acontecimento, ou seja, o assassinato de *Jonbenét* e o público, no caso, os atores da obra. A relação de proximidade entre o receptor e a notícia também é um fator fundamental da cultura jornalística. Porém, essa proximidade não deve ser apenas geográfica, mas social e psicológica, a matéria apresentada precisa despertar a curiosidade do público. Deve-se levar em conta que todos os atores eram moradores de *Boulder* e acompanharam o caso na época em que ele aconteceu, eles também possuem um envolvimento social e psicológico com a história.

O acontecimento como luto permanente

A revista *Vanity Fair* foi bastante analisada, em especial, as manchetes que chamam a atenção do leitor devido aos seus títulos sensacionalistas: “*Jonbenét Ramsey: Missing Innocence*”, “*The Case of: Jonbenét Ramsey thinks it found her killer*”, “*Secret Porn Life*”. Este último com a ideia de que *Jonbenét* teria sido vítima de pornografia infantil, por causa do seu excesso de visibilidade nos concursos de beleza, afinal, era uma menina que se vestia de mulher, e isso atraía a atenção de pedófilos.

No ano passado, por exemplo, a *Vanity Fair* publicou um artigo com teorias sobre possíveis novos suspeitos como forma de entreter o público com “novas” notícias sobre

⁹ Disponível em: <http://cinesiageek.com.br/quem-e-jonbenet-a-netflix-pergunta-voce-sabe-quem-matou-jonbenet-ramsey/>, acesso em: 05/06/ 2017.

o caso, mas na verdade não tinha nada de novo, eram apenas especulações de possíveis assassinos que já vinham sendo investigados há um tempo. Essa forma de entreter e manter o público nesse “luto permanente”¹⁰ também está ligado a teoria de Traquina(2005) sobre o valor-notícia da violência e do tempo, ou seja, quando um fato no passado ganha relevância o suficiente para ser lembrado até os dias de hoje, o que torna ele uma efeméride.

Mesmo após 20 anos, o caso continua sem um desfecho. Nunca nenhum suspeito foi acusado de homicídio e as teorias voltaram a focar na mãe e no irmão *Burke*, com apenas nove anos na época. A *Vanity Fair* publicou uma reportagem dizendo até mesmo que *Jonbenét* havia morrido enquanto seus pais praticavam com ela um jogo sexual que saiu do controle.

Na verdade, não há nenhuma evidência sobre essa teoria ou qualquer outra hipótese. Para piorar, ou melhorar, a situação, em 2008, mais de 10 anos após o assassinato, novos testes de DNA com amostras encontradas no corpo de *Jonbenét* foram analisados e a promotoria do Condado de *Boulder* isentou a família de qualquer envolvimento no assassinato, atribuindo as amostras a um homem não identificado. O assassinato de *Jonbenét* é um dos mais famosos e foi o de maior cobertura da mídia na história dos Estados Unidos.

Além disso, em fevereiro deste ano, a *Vanity Fair* também publicou uma matéria sobre teorias da conspiração sobre celebridades. Uma dessas teorias constava que *Katy Perry* poderia ser *Jonbenét Ramsey*. A explicação é de que os pais de *Perry* se parecem com os de *Ramsey* e a cantora é fisicamente muito semelhante com a *miss*. A criança teria seu nome “sacrificado” para que ela pudesse se tornar uma estrela chamada *Katy Perry*. Essa teoria é nova e surgiu em um período próximo ao aniversário de 20 anos do caso. É essencial para o “negócio jornalismo” que a revista continue entretendo e comovendo seus leitores a partir de uma história que já dura 20 anos, por exemplo. É como se “novas” notícias sobre o assassinato surgissem apenas para poder manter o caso vivo e saciar o desejo do público através de possíveis desfechos. O conflito, também bastante ressaltado nas matérias da *Vanity*, segundo Traquina (2005), representa uma ruptura social, em especial, por se tratar da violência tanto física quanto simbólica, como foi o caso da morte da *miss* que chocou os Estados Unidos.

¹⁰ Disponível em: <https://www.vanityfair.com/news/1997/10/jonbenet-ramsey-murder-missing-innocence>, acesso em 17/10/2017

As perguntas e teorias sobre o caso nos últimos 21 anos continuam, não apenas dentro da comunidade de *Boulder*, mas entre toda a nação. Ex-pesquisadores e especialistas persistem em estimular a especulação sobre o que realmente aconteceu – quem matou *Jonbenét* e quem ainda pode ter conhecimento sobre os acontecimentos ocorridos na noite da morte da miss, mas que ainda permanece calado ao longo do tempo. O investigador do caso *Stan Garnett* conta:

Nossa pergunta em todos os casos é: “Tenho provas de uma acusação específica contra uma pessoa específica que é admissível no tribunal e me dá uma probabilidade razoável de obter um veredicto de culpa além de uma dúvida razoável? Se obtivermos essas provas contra alguém e estamos convencidos de que depois de uma análise cuidadosa, iremos apresentar cobranças. A morte é um caso aberto, e meu escritório continua a perseguir a justiça.”¹¹

Patsy Ramsey morreu de câncer em 2006. *John Ramsey* se casou novamente e vive no oeste dos Estados Unidos e diz que não passa um dia em que não pensa em *Jonbenét*. Ele tem a foto favorita dela exibida em sua sala de estar. Ele diz também que a foto é um constante lembrete de que a sua prioridade na vida ainda é encontrar quem assassinou sua filha.

Conclusão

Depois desse inventário sobre o caso, nota-se que a necessidade de eternizar o acontecimento em questão desvela uma realidade mercadológica que abastece produtos culturais no entretenimento. Desse modo, percebe-se que o valor-notícia relacionado à tragicidade promove e aguça a curiosidade da sociedade que é capturada para o consumo de novos produtos, como filme, revista, documentário etc.

Dessa forma, embora Schudson (2010) afirme que as notícias “não são ficcionais, mas sim convencionais”, o que se pode afirmar com o caso exposto é que o jornalismo está cada vez mais se aproximando do entretenimento, com acontecimentos travestidos de ficção preocupado muito mais com o “valor-negócio”, do que com o campo de conhecimento que representa disputa na esfera pública nas sociedades democráticas.

¹¹ Disponível em: <http://edition.cnn.com/2016/12/13/us/jonbenet-ramsey-case/index.html>, acesso em: 03/05/2017.

Pode-se notar que a fascinação histórica dos americanos por tragédias que envolvem sensacionalismo e inocência é o que explica esse amor insaciável que eles sentem por esse assassinato. Assim, esse trabalho buscou trazer à tona a investigação sobre a relação do jornalismo e da tragédia, no caso a morte, com um viés mercadológico servindo de inspiração para futuras pesquisas.

Referências

AGUIAR, L. **Imprensa Sensacionalista: o entretenimento e a lógica da sensação**. Intercom, Natal, 2008.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DAVIES, P., FRANCIS, P., GREER, C. **Victims, Crime and Society An Introduction**. 2.ed. Londres: SAGE Publications LTD, 2017.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FERNANDES, M. L.. A força da notícia local: a proximidade como critério de noticiabilidade. In: **Critérios de noticiabilidade – problemas conceituais e aplicações** FERNANDES, M. L.; SILVA, G.; SILVA, Marcos P. da (Orgs.). Florianópolis: Insular, 2014.

FONTCUBERTA, M. de. **La noticia: pistas para percibir el mundo**. Barcelona: Paidós, 1993.

GEBOTYS, R., ROBERTS, J., DASGUPTA, B. **News Media Use and Public Perceptions of Crime Seriousness**. Ottawa, ON: Canadian Journal of Criminology, 1988.

HUMANES, M. L. **La anarquía periodística: por qué le llaman información cuando quieren decir...** In ORTEGA, Félix (org.), **Periodismo sin información**. Editorial Tecnos: Madrid – España, 2006.

JAMES, B. **Popular Crime: Reflections on the Celebration of Violence**. 1.ed. Scribner, Nova York, 2012.

KEYS, R. **The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life**. 1.ed. St. Martin's Press, Nova York, 2004.

KOLAR, J. **Foreign Faction: Who Really Kidnapped JonBenét?** 1.ed. Ventus Publishing, llc, Telluride, 2012.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

LANDAU, T.C. **Challenging Notions: Critical Victimology in Canada**, Canadian Scholar Press Inc., 2006.

MOTTA, L. G. “**Teoria da notícia**: entre o real e o simbólico” in MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, p. 305-320, 1997.

RAMSEY, J., RAMSEY, P. *The Death of Innocence: The Untold Story of JonBenet's Murder and How Its Exploitation Compromised the Pursuit of Truth*. 1.ed. Onyx, Boulder, 2000.

ROMÃO, D. **Jornalismo policial**: indústria cultural e violência, USP, São Paulo, 2013.

SCHILLER, L. **Perfect Murder Perfect Town**.1.ed.Harper Collins Publishers, Nova York, 1998.

SCHUDSON, M. **Descobrimos a notícia**: uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade.In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz. (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade** - problemas e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2004.

TODOROV, T. **As Estruturas Narrativas**. Tradução Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. 3.ed. Vol 1. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, G. **La objetividad como ritual estratégico**: un análisis de las nociones de objetividad de los periodistas. CIC – Cuadernos de Información y Comunicación, 1978.

WECHT, C., BOSWORTH, C. **Who Killed Jonbenet Ramsey**.1.ed. Penguin Group, Nova York, 1998.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

ZANFRA, M.. **Manual do repórter de polícia**. 1.ed. São Paulo: Marco Antonio, 2007.